

“É PEIXE OU NÃO É?”
NOTAS SOBRE A CLASSIFICAÇÃO DOS ANIMAIS
EM UMA ALDEIA DE PESCADORES EM PORTUGAL

JOSÉ COLAÇO DIAS NETO

RESUMO *Este ensaio tem o objetivo de apresentar um fragmento da etnografia sobre o conhecimento naturalístico dos pescadores artesanais da Carrasqueira – pequeno povoado localizado na costa central portuguesa. O material etnográfico, produzido entre os anos de 2010 e 2011, expõe como os pescadores carrasqueiros denominam alguns dos seres que constituem a complexa fauna do estuário do Sado. A lógica classificatória empregada pelos carrasqueiros parece semelhante ao que Émile Durkheim discutiu em “Formas Elementares da Vida Religiosa” no que diz respeito às classificações politéticas.*

PALAVRAS - CHAVE *Etnografia, pesca artesanal, classificações simbólicas.*

ABSTRACT *This essay aims to present a brief ethnography of the knowledge of the artisanal fishermen from Carrasqueira – a small village located in the Portuguese central coast. The ethnography made between 2010 and 2011 exposes how these fishermen classify some of the species that constitute the complex fauna from Sado estuary. The fishermen classificatory logic seems similar to what Émile Durkheim described in “Elementary Forms of Religious Life” with regard to politetic classifications.*

KEYWORDS *Ethnography, Artisanal Fishery, Symbolic Classifications.*

“(…) as categorias do pensamento humano jamais são fixadas de uma forma definida; elas se fazem, se desfazem, se refazem permanentemente; mudam conforme os lugares e as épocas”
(DURKHEIM, 2003[1912], p. XXII).

INTRODUÇÃO

Desde o início de minha formação nas Ciências Sociais tenho pesquisado *em* povoados de pescadores artesanais e tentado compreender a relação desses grupos com as políticas públicas que incidem sobre áreas de interesse ecológico. Como indica a tradição etnográfica, o modo mais recomendado para a realização de tal exercício exige que, estrategicamente, tomemos o ponto de vista dos grupos sociais que estudamos para podermos nos aproximar dos sentidos que esses mesmos grupos atribuem ao mundo em que vivem. Foi justamente levando essa recomendação a sério que me interessei pelos nomes que os pescadores artesanais com os quais estabeleci interlocução – tanto no Brasil como em Portugal – atribuíam aos elementos constitutivos do ambiente lacustre ou estuarino, sejam eles identificados como plantas, animais, pedras, sedimentos ou parte da paisagem visível. Assim, descrever como meus interlocutores nomeiam e ordenam as coisas que fazem parte do ambiente em que praticam suas atividades pesqueiras sempre me pareceu uma boa chave para a compreensão do que pensam de si mesmos e de sua ação sobre o mundo.

Entre cientistas sociais já há algum tempo é consenso que a reflexão sobre a origem das classificações humanas, colocada em termos sociológicos, foi primeiramente formulada por Émile Durkheim e Marcel Mauss no conhecido ensaio “Algumas Formas Primitivas de Classificação”, publicado pela primeira vez em 1903 (DURKHEIM & MAUSS, 1981). A preocupação central defendida pelos autores é a que as categorias do pensamento humano que esquematizam nossa relação com o mundo em

que vivemos é, antes de tudo, social, ao contrário do conhecido argumento aristotélico – que influenciou grande parte da filosofia ocidental – que as mesmas categorias seriam inatas. A publicação das “Formas Primitivas”, desse modo, também chamava a atenção para um objeto analítico balizador que sem dúvida influenciou várias correntes teóricas fundantes da Antropologia moderna: as representações coletivas¹. Se o esforço antropológico pode ser entendido como a compreensão do ponto de vista “do outro”, dos nossos interlocutores e, por que não arriscar, de nós mesmos, o programa de estudos inaugurado pela Escola Sociológica Francesa, do qual Durkheim e Mauss são dois dos maiores expoentes, pareceu considerar, ainda no início do século XX, de algum modo, as representações coletivas de grupos sociais distintos como o pano de fundo para o entendimento da sociedade. Observar as ações sociais e descrever as categorias de pensamento dos grupos humanos, portanto, se tornariam exercícios indispensáveis para a boa etnografia.

Em meus trabalhos com pescadores artesanais, conforme mencionei, a problemática das classificações sempre me ocupou. No ano de 2003, notas etnográficas sobre o sistema de classificação dos pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos, localizado no norte do estado do Rio de Janeiro, foram apresentadas ao público pela primeira vez no Seminário “Formas Primitivas de Classificação: Cem Anos Depois” realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ)² e posteriormente publicadas sob o título de “O Duro, a Pedra e a Lama: A etnotaxonomia e o artesanato da pesca em Ponta Grossa dos Fidalgos”. Nesse texto, busquei associar minha etnografia ao conceito de classificações tecnológicas – esquecido por muitos leitores das “Formas Primitivas” em uma nota de rodapé.

Aqui, em “É peixe ou não é”, pretendo levar adiante a problemática em torno das classificações, mas desta vez inspirado pela ideia das classificações politéticas discutidas por Durkheim

¹ Ainda na primeira década do século XX, Robert Hertz também chamava a atenção para a problemática classificatória numa perspectiva muito próxima ao projeto da Escola Sociológica Francesa (HERTZ, 1980). A discussão das classificações simbólicas e das representações coletivas encontrou em Rodney Needhan e Mary Douglas, a partir de abordagens distintas, um importante ponto de crítica e inflexão (NEEDHAM, 1963 e 1979; DOUGLAS & HULL, 1992). Do mesmo modo, com Lévi-Strauss discutindo as classificações sociais do ponto de vista do conhecimento, do totemismo e dos interditos alimentares (LÉVI-STRAUSS, 1970; 1976; 2010). Outros eminentes antropólogos, dos anos de 1950 em diante, dedicaram parte considerável de suas reflexões a esta temática (TAMBIAH, 1963; TURNER, 2005; SAHLINS, 2003; INGOLD, 2007).

² Seminário organizado pelo Departamento de Antropologia Cultural do IFCS-UFRJ à época chefiado pelo Prof. Marco Antonio da Silva Mello.

nas “Formas Elementares da Vida Religiosa” (DURKHEIM, 2003): aquelas cujo sistema apresenta uma forma classificatória mais dinâmica, pois leva em consideração que diferentes elementos podem ser agrupados nos mesmos conjuntos de coisas, de acordo com propriedades e substâncias particulares a ele. A ideia central, portanto, é mostrar que a interpretação sobre as posições que os bichos ocupam na cosmologia dos pescadores artesanais com os quais convivi na aldeia da Carrasqueira, em Portugal, é mediada pela *ação* e pelas relações de *proximidade* ou *distância* sensíveis que esses pescadores mantêm com os animais da região.

³ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

⁴ fundação para Ciência e a Tecnologia.

⁵ A companhia pode ser entendida como o grupo de pescadores e pescadoras que se associam, no barco, para executar atividades de captura. Sua nomenclatura (companha, tripulação, camaradagem, grupo de pesca) pode variar de acordo com o lugar. No entanto, o que se identifica, tratando-se da pesca artesanal, tanto em Portugal como no Brasil, é que para a composição das companhias as relações de parentesco entre os envolvidos são um dos elementos centrais, sejam por ligação familiar consanguínea ou por compadrio. Fatores como boa disposição física e emocional para a atividade, responsabilidade para o trabalho e respeito às hierarquias e funções dentro do barco também fazem parte dos critérios de eleição dos camaradas. Há uma ampla literatura sobre o assunto e, nesse sentido, destaco aqui os trabalhos de MALDONADO, 1986; KANT DE LIMA, 1997; DIAS DUARTE, 1997; PESSANHA, 2003.

A CARRASQUEIRA E O AMBIENTE

Entre outubro de 2010 e julho de 2011, estive em Portugal em virtude de minha participação, na qualidade de estudante de doutorado, em convênio estabelecido entre a Capes³ – pela parte brasileira – e a FCT⁴ – pela parte portuguesa. A aquisição da bolsa sanduíche possibilitou minha fixação em terras portuguesas e dedicação exclusiva e intensiva à pesquisa de campo. Comecei a frequentar a aldeia da Carrasqueira ainda em novembro de 2010, mas só estabeleci residência lá a partir do início do ano seguinte. Localizada a cerca de 100 quilômetros da capital, Lisboa, e às margens do estuário do Sado – o segundo mais importante do país – a Carrasqueira é um pacato povoamento que conta com aproximadamente 700 habitantes. A geração mais velha dos moradores locais divide suas atividades profissionais entre a pesca artesanal e a agricultura, reproduzindo uma lógica de uso dos recursos naturais pouco encontrada nos dias de hoje em Portugal. Outra característica é a de que as *companhas*⁵, em sua maioria, são formadas pelos maridos e suas esposas.

A ocupação da Carrasqueira no século XX deveu-se, inicialmente, aos processos migratórios catalisados pelo trabalho nos arrozais das terras alagadiças do Sado. Com a fixação das primeiras famílias de imigrantes, o povoado foi, aos poucos,

crescendo. Entretanto, não se tratava mais de um aumento no número dos grupos de imigrantes e sim da constituição de novos núcleos familiares a partir do casamento entre os filhos dos primeiros ocupantes.

Na percepção de meus interlocutores mais velhos, a vida na Carrasqueira era, mais do que nos dias de hoje, dedicada integralmente ao trabalho. Zé Bacalhau, ao falar sobre a vida nos tempos das casas de capim, uma vez disse:

Não tínhamos nada aqui no tempo dos meus pais. Apenas terra para trabalhar. Um ou outro iam às ameijoas [mariscos]. Não tínhamos nem um café [estabelecimento comercial] para nos reunirmos. Tínhamos poucos recursos e mesmo se tivéssemos mais não teríamos onde gastar. Se quiséssemos alguma diversão tínhamos que ir longe – até Alcácer ou Grândola. Não havia muito o que fazer.

A vida dedicada ao trabalho mobilizava toda a família. As crianças – muitas delas já nascidas na Carrasqueira – quando mais crescidas também eram incorporadas nas frentes de trabalho. Os proprietários das terras não permitiam o trabalho de crianças nos arrozais, mas, como foi dito por vários carrasqueiros, os “miúdos que ‘tomavam tamanho’ já ajudavam os pais com as lavouras e mesmo na apanha de mariscos”. Nas primeiras décadas do século XX, não havia escola na região e, do ponto de vista dos locais, os filhos deveriam desempenhar os mesmos trabalhos dos pais ao atingirem a maturidade.

Desde cedo, portanto, as crianças da Carrasqueira já eram educadas para o trabalho coordenadas pelos pais ou membros mais velhos das famílias. Assim, se acostumaram com a associação das atividades realizadas no mar e na terra.

A socialização infantil dava-se, dessa forma, a maior parte do tempo dentro do grupo doméstico. Com o amadurecimento, aos poucos, homens e mulheres eram incorporados aos outros trabalhos na terra já sobre a tutela da Atlantic Company –

companhia de produção agrícola que figurou como uma das maiores em Portugal até o final do século XX –, decompondo o grupo mais amplo de trabalhadores ligados à cultura do arroz que, sazonalmente, desempenhavam atividades de apanha de bivalves no estuário do Sado.

Até atingirem a juventude, a vida social dos rapazes e moças na Carrasqueira se restringia, basicamente, às relações familiares estabelecidas dentro do grupo doméstico. Brincadeiras infantis, por exemplo, eram realizadas, em sua maioria, entre irmãos ou primos de primeiro grau sempre nos espaços controlados pela família: a casa e suas áreas exteriores. Os contatos entre as diferentes famílias fora das jornadas de trabalho no campo ou no estuário eram escassos ainda que residissem espacialmente próximas. Somente ao adquirirem mais idade, os filhos – e posteriormente os netos – da primeira geração de carrasqueiros conheciam mais de perto os jovens das outras famílias do lugar. O ingresso no trabalho “fora da família”, nesse caso, sinalizava para uma vida mais autônoma em relação aos pais.

A já relatada escassez material obrigava as famílias a criarem algumas estratégias para exploração dos recursos naturais do estuário a fim de aperfeiçoarem seus ganhos. Para a apanha dos bivalves, por exemplo, era recorrente que duas ou três famílias diferentes fossem possuidoras de uma única embarcação estabelecendo, com isso, uma pequena associação particular para o desempenho da apanha nos parcéis. Assim, nos períodos propícios para a apanha, algumas famílias iam em conjunto – e com seus filhos – ao trabalho no estuário.

O trabalho nos arrozais e no estuário dava, portanto, ao jovem carrasqueiro, a chance de conhecer seu grupo par, ou seja, jovens de idade semelhante e pertencentes a outras famílias. Uma fala de Joaquim aponta para a centralidade do trabalho como catalisador de várias relações sociais na Carrasqueira:

Como aqui só havia trabalho, as pessoas se conheciam, namoravam e noivavam, pronto, no próprio trabalho. Hoje

em dia é diferente. Meu Rodrigo [filho] conheceu a noiva fora daqui e não foi em situação de trabalho. Mas antigamente, como vivíamos para trabalhar, nós conhecemos nossas mulheres, pronto, no trabalho aqui na região.

Assim, em situações de trabalho seja na terra, seja no mar, rapazes e moças da Carrasqueira estabeleciam novas relações de amizade que poderiam, posteriormente, transformar-se em noivado e casamento. Por mais que as histórias de cada casal tenham trajetórias particulares (como se conheceram, quanto tempo noivaram, quando e porque decidiram casar-se, etc.), é possível identificar um padrão na constituição de um novo grupo doméstico – pelo menos entre a geração que está entre os 50 e 70 anos de idade atualmente: a união conjugal estabelecia uma nova companhia de pesca. Ou, como falado localmente, o casal “*vira camarada*”.

Eu fiz a minha vida toda aqui. Trabalhei em variadas funções nos arrozais. Com a minha família eu ia sempre às ameijoas. Ah... havia muitas. O trabalho era duro, mas ganhávamos bem. Até que quando conheci a Deolinda, que não era daqui e morava no Brejo-da-Carrasqueira, nos casamos. Foi aí que eu comecei a pescar com as artes [redes]. Eu já tinha um dinheiro e pude comprar um barco próprio e ter minha própria pescaria. Foi assim que viramos camaradas (Alexandre).

Já pescava com meu falecido pai, assim como meu Rodrigo faz comigo. A Minda já fazia a vida no máre⁶. Sempre trabalhou muito no máre com a família. Quando nos casamos começamos a ir ao máre juntos. Deixamos de trabalhar com nossas famílias para trabalharmos para nós mesmos. Criamos nossos filhos no barco. Não neste, em outro. O Jorge e o Rodrigo, ainda muito miúdos, iam conosco nas campanhas. Os dois, como tu sabe, saíram pescadores também (Joaquim). Minha vida foi toda no máre. Eu ia às ameijoas, aos búzios, às ostras. Meu pai era pescador. Conhecia tudo isto aqui. Eu e minhas irmãs [duas irmãs] sempre estivemos no máre.

⁶ “Fiz a minha vida toda no máre” – Esta é uma das frases mais repetidas na Carrasqueira por aqueles que dedicaram a maior parte de suas vidas ao trabalho de apanha e de pesca no estuário do Sado. Máre quer dizer mar. A opção por manter a grafia aproximada ao fonema, ao longo do texto, deve-se à centralidade que tal categoria tem para os carrasqueiros. Assim temos, ao invés de mar, már[e] transformado em paroxitona. Mas, máre não é qualquer mar. As águas oceânicas nem sempre são chamadas de máre pelos carrasqueiros. Quando se referem a essa porção a denominam, mais comumente, de costa. Por costa os carrasqueiros definem a extensão que vai da região da Arrábida até Sines. Uma observação no desenho litorâneo revela uma característica peculiar a essa porção continental: ela é constituída por um corte côncavo que torna a atividade pesqueira em águas oceânicas um pouco menos arriscada quando comparada àquela desenvolvida no norte do país, no qual o continente está em posição mais aberta para o Atlântico. “Aqui é como um reduto. É costa, mas as águas não são tão agitadas como no norte”, relatou um pescador.

Armênia e Mariana estão como eu a fazer a vida no máre até agora. Meu marido é do Carvalhal. Eu que o trouxe para a vida da pesca. Virou meu camarada (risos!). Acho até que se porta bem para quem não fez a vida nestes mares (risos). Quando casamos começamos a ir ao máre juntos também (Tibía).

A categoria *camarada* é usada por homens e mulheres quando se referem aos seus cônjuges. Ela atualiza ao mesmo tempo o *status* da união conjugal e a relação de trabalho na pesca. Tanto que o tratamento por camarada só é utilizado por casais que são pescadores ou pescadores e agricultores. Em nenhuma ocasião, no período em que estive no campo, ouvi a categoria empregada por casais que não tinham relação alguma com a pesca. O adjetivo antecedido pelo pronome possessivo “minha esposa” ou “ou minha mulher” é pouco utilizado entre os carrasqueiros. O mais comum é a referência “minha/meu camarada”. Recorrente em diversas situações em terra, tais como “minha camarada está a espera para o almoço” ou os “parentes de minha camarada vêm nos visitar neste final de semana”, seu uso não dissocia a parceria estabelecida no ofício pesqueiro daquela firmada no casamento – união central para o desenvolvimento do grupo doméstico.

O termo camarada designa uma forma especial de correlação. Em muitos grupos de pescadores que praticam a língua portuguesa, a palavra define o *status* daqueles que pescam juntos. É comum que se reconheçam mutuamente como camaradas – ou pelos correlatos parceiros ou companheiros. Mas, o termo não revela, de todo, a hierarquia das funções desempenhadas na embarcação durante a faina. São, nesse sentido, camaradas de ofício, constituindo uma associação específica para o trabalho de captura em mares, rios ou lagoas, no qual cada um conhece o deve ser feito. A hierarquia nas funções ocupadas pode, em muitos casos, definir também as formas de partilha dos ganhos da pesca. Em terra, por sua vez, a parceria pode se desfazer sendo somente retomada nas ocasiões do trabalho embarcado.

A constituição de um grupo – ou uma companhia – na maior parte dos povoados onde se pratica a pesca artesanal, seja no Brasil ou em Portugal, é definida pelas afinidades pessoais, relações de parentesco ou compadrio entre pescadores e pelas qualidades técnicas dos indivíduos. Independente da natureza da filiação, o que deve ser salientado, é que o modelo mais comum de companhia admite, por exemplo, a troca de seus membros por ocasião de doença, desentendimentos, morte, desinteresse pela profissão ou qualquer outro motivo. Já o caso da Carrasqueira parece peculiar porque o grupo de pesca é, em geral, formado somente pelo casal o que confere um caráter de pouca ou nenhuma mobilidade entre os membros.

Acompanhei alguns pescadores homens que desempenhavam suas atividades de captura sozinhos e alternavam o uso de redes de emalhar e armadilhas. Mas a parte mais intensiva do trabalho de campo embarcado realizei com os *camaradas* Joaquim e Minda – que contavam sempre com a presença e com o trabalho do filho mais novo, Rodrigo –, Alexandre e Deolinda, que também eram os donos da casa que aluguei durante os meses de elaboração da pesquisa, e Zé Carioca e Tibía. Os dois primeiros casais se encontram na casa dos 50 anos e o último entre os 40 anos.

A partir do encontro com o casal Alexandre e Deolinda, que se deu ainda nas primeiras visitas à Carrasqueira e da adesão dos dois ao projeto de pesquisa, aos poucos, fui ficando conhecido na aldeia, me relacionando com outros pescadores e pescadoras. Como acontece, em geral, em um trabalho de campo acadêmico dessa natureza, eu me apresentava como pesquisador brasileiro e expunha meus interesses em realizar uma investigação comparativa àquela já realizada com pescadores artesanais no Brasil. Desse modo, fui ganhando a confiança de quase todos os carrasqueiros que conheci. A residência no local foi fundamental para que eu me aproximasse com mais profundidade das atividades pesqueiras e de captura tal como realizadas pelos

carrasqueiros. Meu ingresso no mundo dos *mâres* começou quando acompanhei a *apanha de mariscos* com os camaradas Zé Carioca e Tibía ainda no final do inverno. Trata-se do trabalho corporal desempenhado por homens e mulheres em idades variadas, na maioria dos casos realizados com um *sacho* – ferramenta que se assemelha a uma pequena pá pontiaguda com um cabo – que tem por objetivo remover animais marinhos que habitam fundos arenosos ou de lama. No estuário do Sado, as populações locais se dedicam à apanha de bivalves como as ameijoas, as lambujinhas, os berbigões, os canivetes, as ostras e os búzios entre outros⁷. Tais mariscos são muito utilizados na culinária lusitana e alguns deles, como as amêijoas e as ostras, encontram-se entre os mais apreciados frutos do mar na Europa.

Já a primavera, por sua vez, marca também o início da temporada da *pesca de choco* – modalidade de pesca que utiliza as redes de emalhar e que tem mais centralidade entre os carrasqueiros. Acompanhei inúmeras vezes a pesca de choco com Alexandre e Deolinda e Joaquim e Minda. Além de ter embarcado com outros pescadores. No período dos meses quentes – primavera e verão – os pescadores locais se dedicam integralmente à pesca desse animal.

Chamou minha atenção, no entanto, o fato de os carrasqueiros se referirem ao choco como *peixe* – assim como robalos, tainhas e raias. Digo isso porque, de modo concomitante às observações empíricas da atividade pesqueira, pesquisei em dicionários de biologia marinha informações sobre as espécies aquáticas do Atlântico Norte. Deparei-me com algo, no mínimo, intrigante: o choco, de acordo com a taxonomia da biologia marinha, é considerado molusco da classe *Cephalópoda*, ordem *Sepiida* e não um peixe, como indicavam meus interlocutores. Estava eu, portanto, empiricamente provocado por mais uma problemática em torno das chamadas “classificações primitivas” e das representações coletivas que mediam a relação dos grupos

⁷ A etnografia apresenta as classificações utilizadas pelos pescadores locais. As taxonomias científicas definem, para o grupo dos bivalves, o seguinte: amêjoa-macha ou ‘da cabeça’ (*Venerupis pullastra*), amêjoa-japônica (*Ruditapes philippinarum*), lambujinha (*Scrobicularia plana*), berbigão (*Cerastoderma edule*), canivete (*Solen* spp e *Ensis* spp), ostras (*Crassostrea gigas*), búzios (*Bolinus brandaris*). E para o grupo das poliquetas, a minhoca (*Marphysa sanguinea*). Cf. FRANCA, MARTINS & CARNEIRO (2001).

sociais com o mundo “natural”.

É importante destacar, nesse sentido, que a questão das “classificações nativas” ou do “etnoconhecimento” tem figurado com centralidade no debate acadêmico sobre os usos costumeiros e as formas de exploração da natureza protagonizadas por muitos grupos sociais extrativistas e de pescadores artesanais. No Brasil, por exemplo, em Antropologia, são referências pioneiras os trabalhos de Tulio Persa Maranhão e de Mariza Peirano sobre o assunto. Ambos tomaram como caso etnográfico um povoado no litoral cearense e se dedicaram a etnografia dos conhecimentos ictiológicos dos pescadores locais. No primeiro estudo, discutiu-se sua interface com as formas de navegação e no segundo, as proibições alimentares e as formas de organização social do povoado (MARANHÃO, 1975; PEIRANO, 1975). Ao longo do tempo, dada sua complexidade, a temática do etnoconhecimento contou com aproximações entre a Ecologia, a Biologia e as Ciências Sociais. Uma boa amostra desse diálogo pode ser encontrada nos estudos organizados por Alpina Begossi sobre o conhecimento de pescadores de populações insulares no litoral sudeste brasileiro (BEGOSSI, 2004).

É PEIXE OU NÃO É?

A partir da constatação de que as classificações nativas não se encaixavam, a princípio, nas classificações da biologia marinha, direcionei minha atenção para entender então *por que choco é peixe, o que é afinal um peixe, e quais são as diferenças entre peixes, moluscos e mariscos*. Há, para esses pescadores, alguma diferença?

O contato cotidiano com o ambiente, bem como a exploração de seus recursos naturais, faz com que os carrasqueiros desenvolvam uma relação muito próxima com os elementos que constituem o ecossistema estuarino. É muito comum – como já demonstrado por todo um conjunto de etnografias dedicadas ao

assunto (SILVA, 1989; KANT DE LIMA, 1997; BRITTO, 1999; PESSANHA, 2003; REIS MOTA, 2003; MELLO & VOGEL, 2005; COLAÇO & VOGEL, 2005; LOBÃO, 2010; ADOMILLI et al., 2012) – que as populações que estabelecem esse tipo de relação possuam formas particulares de classificar os elementos que constituem ecossistemas marítimos ou estuarinos.

Essas formas são ajustadas às suas experiências práticas e aos seus sentimentos morais. Funcionam mesmo como um filtro através dos quais homens e mulheres – como no caso da Carrasqueira – socializados praticamente nas mesmas condições no que diz respeito às atividades de captura no estuário do Sado, enxergam o mundo ao mesmo tempo em que dão sentido a ele. As percepções sobre a passagem do tempo, os nomes conferidos às espécies que constituem a fauna e a flora, a classificação e as formas de apropriação do espaço estuarino são para Alexandre e Deolinda, Joaquim e Minda, Zé Carioca e Tibía, além de outros carrasqueiros com os quais tive interlocução, formas objetivas de lidar com a vida. Para o etnógrafo, esse conjunto de coisas é uma evidência de como os grupos sociais pensam e agem sobre o mundo.

Para tentar responder às questões, comecei a explorar com atenção o que meus interlocutores diziam sobre o choco. Assim, provoquei conversas que versavam sobre os animais aquáticos, seus nomes, seus hábitos e outras características.

O choco é um peixe muito inteligente. Não é muito ágil, mas é inteligente. Vivem muito tempo porque são bons em camuflagem. São como camaleões, mas vivem dentro d'água. Já viste aquela tinta [preta] que eles soltam quando os puxamos do máre. Aquilo os ajuda para esconderem-se dos peixes maiores. E mesmo de nós, pescadores. Sim, porque quando sentem-se ameaçados eles soltam a tinta e nós não os enxergamos. É o tempo certo para eles fugirem! (Manuel).

Diversos relatos atribuíam aos chocos qualidades, tais como, timidez, sagacidade, inteligência, beleza entre outras. Os

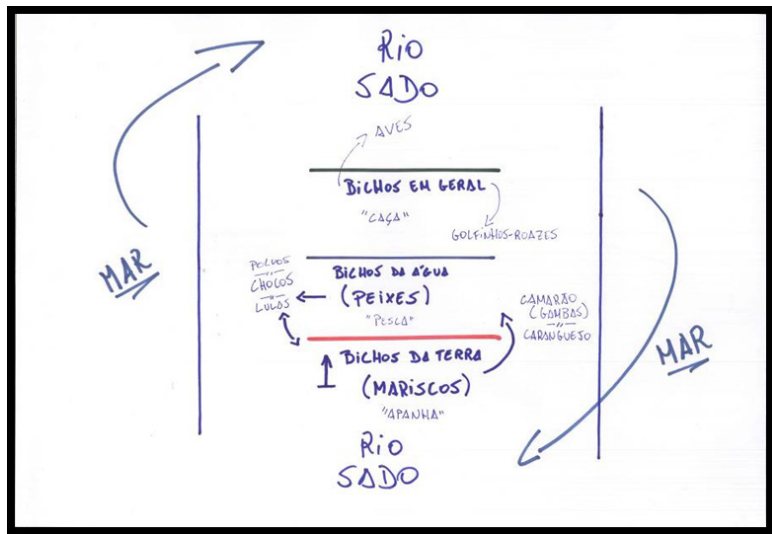
mesmos relatos associam o comportamento do choco ao dos seres humanos:

Ah, os chocos são como nós, sentem frio. Por isso, vêm até estes máres de cá, porque são mais quentes que as águas lá da costa. Quando chegam aqui, procuram os esteios e as plantas para se agasalharem, igual nós fazemos nos meses frios: colocamos casacos e mais roupas, não é mesmo? (Diamantino).

E quem não gosta de namorar? Chocos gostam também. Todos os anos chegam até aqui para namorar! Namoram, casam e têm filhos, os choquinhos! (Zé Pedra).

São inteligentes estes chocos. Acho que até mais do que os pescadores. Temos que ter as redes certas e preparadas para eles. Por isso usamos as alvitanas, que são estes panos aqui. Funcionam como bolsos. Os chocos, quando se enredam, fazem movimentos circulares para tentar escapar do pescador. Já com as alvitanas, não há possibilidade que eles saiam (Alexandre).

Provoquei os carrasqueiros a elaborarem listas com o elenco de animais que podem ser encontrados no estuário. Propositamente, de início, não os questionei sobre quais seriam os peixes, os mamíferos, os moluscos, ou os crustáceos. Elaborei, ainda durante o trabalho de campo, um modelo que representa iconograficamente esse exercício classificatório, tal como pode ser observado no quadro baixo:



⁸ *Aristeus antennatus*.

⁹ *Cancer pagulus*.

¹⁰ *Necora puber*

¹¹ A pesca de caranguejo utilizando o covo – um tipo de armadilha – é bastante praticada no estuário do Sado. A mesma armadilha também pode ser usada na pesca de choco.

¹² Em sequência: *Solea* spp., *Dicentrarchus labrax*, *Sparus aurata*, *Liza aurata*, *Diplodus annuaures*, *Raja* ssp., *Mugil cephalus*, *Diplodus* spp., *Diplodus vulgaris*, *Anguilla Anguilla*, *Mullus surmulestus*, *Batrachoides* spp., *Torpedo torped*, *Dasyatis pastinaca*.

¹³ Em sequência: *Loligo* spp., OCTOPODIDAE, *Sepia officinalis*.

Minha teoria é que os carrasqueiros dividem os animais em três categorias centrais (às vezes usam a palavra “animal”, às vezes usam o termo “bicho”), quais sejam os *bichos da terra*, *bichos da água* e *bichos em geral*.

Os *bichos da terra* são, basicamente, os mariscos, as poliquetas e alguns crustáceos. São, dessa forma, ostras, ameijoas, canivetes, mexilhões, minhocas, búzios, barbigões, camarões⁸ e caranguejos como as sapateiras⁹ e navalheiras¹⁰. À exceção dos camarões, todos são apanhados com a mão ou com auxílio de instrumentos. Os caranguejos às vezes são capturados quando se enroscam nas redes que descansam na água a espera de outras espécies¹¹.

O conjunto dos *bichos da água* define as espécies que, em sua maioria, entram do oceano para o Rio Sado. Os mais lembrados pelos carrasqueiros são os linguados, o robalo, a dourada, o garrento, o alcorrais, as raias, o olhavo, os sargos, a safia, a enguia, o salmonete, o charroco, a tremelga, o rato, entre outros¹². Nessa categoria, o que chama a atenção é a classificação das lulas, dos polvos e do choco, conforme já indicado, como peixes quando, em sua taxonomia científica, os três são considerados moluscos marinhos¹³.

Já os *bichos em geral* são aqueles que habitam o estuário ou suas proximidades, sejam elas alagadas ou secas, e que não se enquadram nas categorias *da terra* nem *da água*. Esse grupo reúne, portanto, os golfinhos roazes, as lontras, a doninha, o texugo, a geneta, o javali e o grande elenco de aves que habita, ainda que sazonalmente, a região¹⁴.

O modelo elaborado é uma tentativa de organizar as interpretações dos carrasqueiros sobre as distinções e qualificações atribuídas aos animais que habitam o estuário e, portanto, fazem parte do mundo prático de pescadores e não pescadores. Trata-se, portanto, de um esquema criado pelo etnógrafo com o objetivo de representar a lógica de um sistema classificatório que é, em si, bastante complexo. Não há acordo, por exemplo, entre os carrasqueiros com os quais conversei sobre se o camarão e o caranguejo podem ser classificados como *mariscos ou peixes*. Essa indefinição dificulta a associação desses animais aos conjuntos de *bichos da terra* ou de *bichos da água*, somente.

Olha, veja se eu não tenho razão: caranguejo anda em cima da areia. Suas patinhas estão todo o tempo tocando na areia, estais a ver? Ele até sabe nadar e tudo mais, mas anda, de um lado para o outro, como tu viste, na areia, no fundo. Para mim é como se fosse um marisco, só que não vive enterrado (Alexandre).

Caranguejo? É peixe, ora. Tudo que nada é peixe. Caranguejo nada. Camarão nada. Ameijoia não nada. Nem berbigão, Nem canivete. Estamos certos de que eles não ficam lá parados. Movimentam-se conforme a maré. Mas é outro tipo de movimento (Zé Carioca).

Parece-me assim, que há um eixo intermediário entre “ser peixe” ou “ser marisco” que, de acordo com as interpretações dos carrasqueiros, dota animais como camarões e caranguejos de características existentes tanto no conjunto *bichos da terra* quanto no grupo dos *bichos da água*. Pode-se, assim, associar o

¹⁴ Em sequência, os mamíferos: *Tursiops truncatus*, *Lutra lutra*, *Mustela nivalis*, *Meles meles*, *Genetta genetta*, *Sus s. scrofa*.

¹⁵ Há uma antiga cantiga de roda infantil, tal como identificada por Sílvio Romero cujo verso principal aponta a mesma ambiguidade classificatória para o caranguejo: “Caranguejo não é peixe/ Caranguejo peixe é/Caranguejo só é peixe na vazante da maré”. Em uma de suas variações a palavra “vazante” pode vir substituída por “enchente”. Cf. ROMERO (1954).

caranguejo ao grupo dos mariscos, por passar a maior parte de sua vida “na areia”; ou, o animal pode ser classificado como peixe porque “também sabe nadar”¹⁵.

O dinamismo classificatório não para por aí. A definição dos polvos, lulas e chocos como bichos da água pode ser explicada porque esses “moluscos” são nadadores e movimentam-se, sazonalmente, da costa para o estuário assim como a maioria das espécies de peixes. Mas, a afirmação repetida localmente de que “nem tudo que nada é peixe” torna o entendimento sobre os princípios classificatórios desse conjunto um tanto mais complexo:

Os chocos nadam. Nadam como peixes. E nadam melhor do que as lulas e do que muitos peixes mesmos! Já os golfinhos e lontras nadam também. Ah, mas já não são peixes, não senhor! Nadam como peixes, mas não são peixes. São outros animais (Joaquim).

Estes golfinhos... Não são peixes, pois. Eles são bonitos, os turistas gostam de vir aqui para vê-los. Nadam e brincam por estes mares, tu já viste? Mas, não os comemos. Pelo menos, a maioria da malta não os comem. Antigamente, até os caçavam. Mas comer, comer mesmo era difícil! (Minda).

Relatos como esses me levaram a acreditar que os bichos da água são definidos a partir de quatro variáveis: 1) capacidade motora de nadar, 2) o trânsito entre as águas oceânicas e o estuário, 3) o uso vulgar das espécies na culinária, e 4) o valor comercial atribuído às espécies. Desse modo, os golfinhos, encaixam-se apenas nas duas primeiras variáveis e as lontras podem ser enquadradas somente na primeira. Esses animais não são percebidos como peixes e, ao mesmo tempo, são agrupados no conjunto mais genérico de bichos em geral.

Por fim, as divisões dos bichos nos três conjuntos apresentados estão associadas às distintas formas de apropriação que marcam

a relação homem/animal em sua dimensão mais prática: a atividade de apanha define a forma como os carrasqueiros se apropriam dos chamados bichos da terra, ou seja, da maioria dos mariscos, moluscos bivalves e poliquetas, a exceção dos camarões e caranguejos – embora os últimos possam ser capturados com as mãos em alguns casos. Já a pesca com o uso de artes e armadilhas é a ação de captura que caracteriza a relação entre os homens e todos os animais classificados como peixes. Ainda que enguias possam ser capturadas com as mãos quando encontradas em porções alagadiças do estuário e mesmo os chocos, que em alguns casos também podem ser apanhados sem o uso de redes, a pesca é, par excellence, a ação e o método utilizados na relação dos homens com os bichos da água. E, é somente através da caça que os carrasqueiros podem se apropriar dos bichos em geral, sejam eles os golfinhos, os mamíferos quadrúpedes ou as aves.

APONTAMENTOS FINAIS

Tentei sustentar aqui, apresentando brevemente essas notas, que a relação de proximidade e distância que os carrasqueiros estabelecem com os animais da região estuarina, associada ao que eles fazem com estes bichos é o indicador fundamental de seus eixos classificatórios. Se Claude Lévi-Strauss estiver certo – e nós achamos que ele está – toda classificação “primitiva” é empírica e sensível e, por isso mesmo, pode ser caracterizada como um sistema politético e complexo (LÉVI-STRAUSS, 1970).

As três categorias centrais – bichos da terra, bichos da água e bichos em geral – esquematizam o pensamento e as práticas dos carrasqueiros e nos dão boas pistas sobre as formas através das quais os homens e mulheres pescadores dessa aldeia se relacionam com o ambiente estuarino e, neste caso, mais particularmente, com sua fauna.

Tal interpretação não se trata de uma contradição classificatória, simplesmente. Ela aponta, antes de tudo, para

o dinamismo inerente a este sistema nativo que pode admitir associação de elementos que não encontram relação em outros sistemas, muito próximo daquilo que Émile Durkheim definiu como classificações politéticas nas Formas Primitivas. O autor define e confronta as classificações do tipo monotéticas e politéticas, sendo as primeiras baseadas no princípio de classes no qual todos os objetos apresentam um conjunto padrão de atributos e as segundas fundamentam-se na noção de semelhança familiar e qualidades intra-classe entre os objetos, o que permite, neste sentido, o uso de metáforas e associações.

Isso pode ajudar a compreender porque, por exemplo, de acordo com os carrasqueiros, camarões e caranguejos não estão em posições fixas nesse sistema classificatório, uma vez que, dependendo da forma com que são capturados, e mesmo das interpretações correntes sobre seu comportamento, esses animais podem ser classificados como mariscos ou peixes e por isso transitam de um eixo para outro, ou seja, podem ser bichos da terra ou bichos da água, dependendo do caso. Essa “etnoetologia” também explica o entendimento do choco, da lula ou mesmo do polvo, eventualmente como peixes e não como sépias ou moluscos, uma vez que, além das qualidades metaforicamente atribuídas a eles que os associam ao comportamento humano – como o fazem com os outros peixes – os chocos e as lulas são considerados “ótimos nadadores”, como a maioria dos peixes. E ainda os chocos, assim como os outros *peixes*, ou seja, como os bichos da água, são capturados com o uso de rede de emalhar.

Existe um conjunto de características que marca o exercício da atividade de captura dos recursos aquáticos, tal como fazem pescadores e pescadoras da Carrasqueira ou de qualquer outro grupo social que viva, direta ou indiretamente, da pesca artesanal, do extrativismo ou da agricultura familiar. Como é sabido, para um bom desempenho na captura de peixes, pescadores artesanais precisam deter um conhecimento sofisticado do funcionamento dos ecossistemas, que vão desde a identificação das espécies

marinhas e seus comportamentos, passando pelas informações das condições atmosféricas e a capacidade técnica de manipular com destreza as diversas modalidades de captura de modo que associem os seus interesses a certos contextos ecológicos particulares e muitas vezes inesperados (como nos casos de uma mudança climática repentina, a identificação do aparecimento ou desaparecimento de certas espécies aquáticas, desastres ambientais, etc).

Esse conjunto de conhecimentos, no que diz respeito à pesca artesanal, é comumente passado de uma geração de pescadores para outra e atualizado de acordo com as mudanças ambientais identificadas pelo grupo no exercício cotidiano do trabalho. Sem dúvida, essa forma de ligação com o ambiente é capaz de gerar um modo de vida e de “estar no mundo” particular às experiências sensíveis que esses grupos têm com a atividade social que os define tanto para eles mesmos como em relação aos outros.

BIBLIOGRAFIA

- ADOMILLI et al. (Orgs.). *Povos e Coletivos Pesqueiros: Estudos etnográficos e perspectivas socioantropológicas sobre o viver e o trabalhar*. Rio Grande: FURG, 2012.
- BEGOSSI, Alpina (Org). *Ecologia de pescadores da Mata Atlântica*. São Paulo: FAPESP/Nubaub-USP/Hucitec; Campinas: Nepam-Unicamp, 2004.
- BRITTO, Rosyan C. de Caldas. *Modernidade e tradição. Construção da identidade social dos pescadores de Arraial do Cabo – RJ*. Niterói: Eduff, 1999.
- COLAÇO, José & VOGEL, Arno. O Duro, a Pedra e a Lama: A etnotaxonomia e o artesanato da pesca em Ponta Grossa dos Fidalgos. *Revista Antropolítica*, Niterói, n.19, p.165-189, jun./dez. 2005.
- DOUGLAS, Mary & HULL, David (Orgs.). *How classification works*. Nelson Goodman among the Social Sciences. Edinburgh: Edinburgh Univeristy Press, 1992.

DUARTE, Luiz F. Dias. *As redes de suor: a reprodução social dos trabalhadores da produção da pesca em Jurujuba*. Niterói: Eduff, 1999.

DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel. Algumas Formas Primitivas de Classificação. Contribuição Para o Estudo das Representações Coletivas. In: MAUSS, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981 [1903], p. 339-455.

DURKHEIM, Émile. *Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1912].

FRANCA, Maria de Lourdes Paes; MARTINS, Rogélia & CARNEIRO, Miguel. *A Pesca Artesanal Local na Costa Continental Portuguesa*. Lisboa: IPIMAR, 2001.

HERTZ, Robert. A Preeminência da Mão Direita. Um estudo sobre a polaridade religiosa. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, n. 6, p. 99-128, 1980[1909].

INGOLD, Tim. Introdução a O Que é Um Animal? *Revista Antropológica*, Niterói-RJ, n. 22 (1), 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Cru e o Cozido*. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

_____. *Totemismo Hoje*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

_____. A Ciência do Concreto. In: _____. *O Pensamento Selvagem*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1970, p. 19-55.

LOBÃO, Ronaldo. *Cosmologias Políticas do Neocolonialismo. Como uma política pública pode se transformar em uma política do ressentimento*. Niterói: Eduff, 2010.

KANT DE LIMA, Roberto. *Os Pescadores de Itaipu. Meio Ambiente, conflito e ritual no litoral do Estado do Rio de Janeiro*. Niterói: Eduff, 1997.

MALDONADO, Simone Carneiro. *Pescadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1986.

MARANHÃO, Túlio P. Nautica e classificação ictiológica em Icaraí, Ceará: um estudo de antropologia cognitiva. 1975. Dissertação (Mestrado) – Antropologia – UnB, Brasília, 1975.

MELLO, Marco Antônio da Silva & VOGEL, Arno. *Gente das Areias: Sociedade, História e Meio Ambiente no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduff, 2004.

MOTA, Fabio Reis. *Nem muito mar, nem muita terra. Nem tanto negro, nem tanto branco: uma discussão sobre o processo de construção da identidade da comunidade remanescente de quilombos da Ilha da Marambaia/RJ*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Antropologia, PPGA/UFF, Niterói, 2003.

NEEDHAM, Rodney. *Symbolic Classification*. Santa Monica/CA: Goodyear Publishing Company, Inc., 1979.

NEEDHAM, Rodney. Introduction. In: DURKHEIM, Émile, e MAUSS, Marcel. *Primitive Classification*. Chicago: Chicago University Press, 1963, p. vii-xvii.

PEIRANO, Mariza. *Proibições Alimentares numa Comunidade de Pescadores (Icaraí, Ceará)*. 1975. Dissertação (Mestrado) – Antropologia, UnB, Brasília, 1975.

PESSANHA, Elina Gonçalves da Fonte. *Os companheiros. Trabalho e Sociabilidade na Pesca de Itaipu*. Niterói: Eduff, 2003.

ROMERO, Silvio. *Cantos Populares do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1954.

SAHLINS, Marshall. *La Pensée Bourgeoise. A Sociedade ocidental enquanto cultura*. In: _____. *Cultura e Razão Prática*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2003, p. 116-203.

SILVA, Gláucia Oliveira da. *Tudo que tem na terra tem no mar: a classificação dos seres vivos entre trabalhadores da pesca em Piratininga, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Funarte, 1989.

TAMBIAH, Stanley J. *Animals are Good to Think and Good to Prohibit*. *Ethnology*, s. l, v. VIII, n. 4, p. 423-459, 1969.

TURNER, Victor. *A Classificação das Cores no Ritual Ndembu*. In: _____. *Floresta de Símbolos*. Niterói: Eduff, 2005.

